

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO

DANIEL SOUSA DA SILVA

AFETIVIDADE EM SALA DE AULA

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

DANIEL SOUSA DA SILVA



AFETIVIDADE EM SALA DE AULA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Nelson dos Santos

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

AFETIVIDADE EM SALA DE AULA

Por

Daniel Sousa da Silva

Esta monografia foi apresentada às 8h30min do dia **29 de março de 2014** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Foz do Iguaçu, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Prof. Nelson dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira
Orientador

Professora Maria Fatima Menegazzo Nicodem
UTFPR – Câmpus Medianeira
Membro

Professor Lucas Schenoveber dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira
Membro

Dedico esta atividade e pesquisa acadêmica à minha família, esposa, e principalmente a você, meu filho, que é a luz de minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador, professor Nelson dos Santos, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grato a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“O ser humano é uma parte do todo que chamamos de Universo [...] Ele concebe a si mesmo como algo separado de todo o resto [...] libertarmo-nos dessa prisão ampliando o nosso círculo compaixão”. (ALBERT EINSTEIN)

RESUMO

SILVA, Daniel S de. Afetividade em sala de aula. 2013.40p. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Afetividade em sala de aula é o tema a ser abordado no decorrer deste trabalho científico, desenvolvido em trinta e nove paginas. Buscou-se tratar além do tema os aspectos e teorias relacionados no desenvolvimento de aprendizagem, principalmente no que tange o ser humano no seu processo cognitivo. Afetividade, assim como vínculos emocionais, são estudos advindos há poucos anos e através dos mesmos é possível obter uma compreensão da postura do indivíduo mediante alguma situação que o confronte, por isso, para a área de educação, principalmente para os que nela atuam, torna-se pertinente conhecer tais abordagens para poder atuar com mais qualidade de modo que assim seja possível contribuir na formação do sujeito como um todo, não só preparando-o para a sociedade, mas propiciar sua autonomia e senso crítico.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Sujeito.

ABSTRACT

FULANO, Tal de. Título da monografia affectivity in the classroom . 2014. Número de folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Affectivity in the classroom is the topic to be addressed in the course of this scientific work developed in thirty-nine pages, we sought to address in addition to the theme and theories related aspects in the development of learning, especially regarding the human being in their cognitive process. Affectivity, and emotional bonds are studies coming few years ago and through them it is possible to obtain an understanding of the position of the individual through any situation that confronts therefore to the area of education, especially for those who work in it, it is pertinent to know such approaches to be able to act more quality so that it be possible to contribute to the formation of the subject as a whole, not only preparing them for society, but promote their autonomy and critical thinking.

Keywords: Affection. Learning. Subject.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 DESENVOLVIMENTO, APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE	11
2.1.1 A afetividade e aspectos inerentes.....	19
2.2 O PROFESSOR MEDIANTE SUA PRÁXIS E A AFETIVIDADE DO ESCOLAR.	25
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERENCIAS.....	34

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho acadêmico é apresentar o que seja a afetividade, qual sua importância e no que reflete, mediante a práxis pedagógica do professor, haja vista que a escola atual encarece de uma estrutura que visa atender aos tantos problemas de nível sócio-econômico, mediante aos desafios que constituem a sociedade contemporânea (crises socioambientais, violência, relações familiares, revolução tecnológica, entre outros).

Tratar de afetividade é uma temática complexa, vinculando-se os conhecimentos psicológicos que envolvem o desenvolvimento da aprendizagem do ser humano, como também este assunto é alvo das teorias de cunho construtivista que por volta do século XX, quando surgiu a Pedagogia Nova, visavam à psicogênese do ser humano, ou seja, pensar no homem como um todo.

Portanto questões que tratam do porque trabalhar afetividade em sala de aula, qual o papel da escola e professor e como propiciar para que assim se tenha um processo de ensino e aprendizagem de qualidade são indícios de discussão ao decorrer desta explanação.

Supõe-se que por meio do levantamento de dados, percorridos bibliograficamente, será possível obter uma clareza mediante a complexidade deste tema, que além de estudar o conceito, busca-se analisar os aspectos que envolvem a temática e, além da construção de um novo conhecimento que enriquecerá a formação docente.

Justifica-se, portanto, este trabalho em debruçar-se sobre o tema “Afetividade em sala de aula”, visando a importância desta pesquisa para com a didática utilizada pelo professor, afinal, desde a mais tenra idade, seja criança, adolescente, jovem ou adulto, existe os vínculos emocionais desenvolvidos ao longo da vida, da mesma forma o que não dizer de um aluno com seu professor.

Os objetivos a serem tratados referem-se ao que seja a psicopedagogia e as práticas que propiciem a afetividade no contexto escolar, qual a contribuição da família para com o aluno no seu desenvolvimento, as práticas pedagógicas respectivas e qual importância da mesma para com os professores em seu dia-a-dia.

Uma pesquisa requer planejamento, delimitações e uma busca constante de material. Por meio desta atividade acadêmica, busca-se a compreensão dos

fenômenos que fazem parte da vida cotidiana, e assim construir novos conhecimentos sobre os que já se obtinha.

O trabalho científico é, portanto, uma atividade intencional, processual e complexa de produção de conhecimentos para a interpretação da realidade. Como tal, é carregado de escolhas teóricas e metodológicas que exigem a atenção do pesquisador na perspectiva contribuir para a construção da vida social. (TONOZIREIS, 2009, p.21).

Diante disso, esta temática foi escolhida devido aos anseios percebidos na rotina de uma sala de aula e o que antes não eram percebidos com tanto destaque.

Hoje a afetividade tem ganhado mais espaço para discussão e estudos.

Esta pesquisa fez-se de modo bibliográfico, delimitando-se à perspectiva educacional. Da mesma forma a coleta de dados foi realizada por meio de livros, materiais eletrônicos, artigos e diversos documentos respectivos ao tema, o tratamento dos mesmos considerou a produção textual, norteando os objetivos e metas estabelecidos em projeto anterior. Os tópicos abordados estão delimitados da seguinte forma: introdução, revisão da literatura e considerações finais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 DESENVOLVIMENTO, APRENDIZAGEM E AFETIVIDADE

Ao lidar com educação, didática, ensino, torna-se pertinente debruçar-se sobre os estudos relacionados ao desenvolvimento para a compreensão do processo cognitivo e de aprendizagem do ser humano.

No que se refere à temática “Afetividade em sala de aula”, não há como desvincular-se dos primórdios que envolvem desde a mais tenra idade, é o exemplo do infante na condição de recém-nascido, este se relaciona com o ambiente externo, mas seu vínculo num primeiro momento é de quem dele está cuidando (mãe ou responsável). Conforme cresce e é estimulado, seus reflexos amadurecem e inicia-se sua identificação com o mundo externo. E, como o processo de inteligência do homem é instigante aos pesquisadores, muito tem se discutido frente ao que constitui para tal e a contribuição na formação do ser, pois entre a questão afetiva e cognitiva voltada a inteligência há caminhos estreitos partindo do ser relacional.

O ser humano é constitucionalmente relacional, de tal sorte que tudo por ele produzido perpassa pelo que lhe foi possível aprender e aprender a partir dos relacionamentos humanos que, por sua vez, são matizados pelos afetos. (GALLO; ALENCAR, 2012, p.115).

Dentre as teorias que tratam do desenvolvimento humano na aprendizagem, Bock et all (2008) apresentam os conceitos piagetianos que tratam sobre o processo da inteligência, estes baseiam-se em estudos sobre a hereditariedade, adaptação do indivíduo frente à assimilação de algum ensino e esquema (estruturas mentais que auxiliam na cognição), com isso conforme o que Piaget desenvolveu ao longo de sua vida, este biólogo constatou que conforme as características biológicas, os fatores educacionais e ambientais, de fato, irão contribuir ao período vivenciado, nisso são apontadas fases muito pertinentes ao processo cognitivo do ser humano, as fases dos períodos são conhecidas como: sensório-moto (0 a 2 anos), pré operatório (2 a 7 anos), operações concretas (7 a 11 anos) e operações formais (11ou 12 anos), na medida em que o ser desenvolve-se o processo cognitivo

amadurece e, aos poucos a criança vai tecendo sua inteligência, mas partindo-se da sua relação com objeto e com o ambiente.

Da mesma forma, Gallo & Alencar (2012) ressaltam de acordo com os estudos de Piaget (1995) a criança conhece e aprende através de sua exploração com o mundo, por isso considerar o aspecto biológico (condições orgânicas) assim como o ambiente em que ela está, faz com que através da sua adaptação o indivíduo consegue se organizar mentalmente. Para uma melhor compreensão seguem na seqüência as fases apontadas pela teoria piagetiana:

Período sensório-motor: o sensório-motor constitui-se dos reflexos do bebê, que, conforme Bock et alli (2008) aos cinco meses consegue agarrar e/ou segurar com as mãos, nesta fase torna-se imprescindível o bom desenvolvimento físico para o amadurecimento de novas habilidades, e, aos poucos (por volta de 1 ano) a criança consegue diferenciar-se dos objetos, dando-se assim a sua relação com o mundo no que refere-se ao aspecto afetivo a mesma consegue criar vínculos com objetos que lhe agradem. (grifo nosso). Rodrigues (2004, p.42) pontua que “[...] a Inteligência da criança é essencialmente prática e as ações de reflexo predominam relação com o meio ambiente não se dá pelo raciocínio lógico ou pela representação simbólica, mas pela ação e experimentação direta”. Da mesma forma Souza; Martins (2005) ressaltam que nesta fase irá acontecer a organização receptiva, motora, intelectual, afetiva e social, através do autoconhecimento e sua exploração com o mundo o bebê irá se expressar e desenvolver seus conceitos, por isso há de se considerar a questão orgânica para o desenvolvimento cognitivo do ser.

[...] o bebê irá explorar seu corpo, conhecer os seus vários componentes, sentir emoções, estimular o ambiente social e ser por ele estimulado, e, assim, irá desenvolver a base do seu auto conceito. Este estará alicerçado no esquema corporal, isto é na idéia que a criança forma de seu próprio corpo. (SOUZA; MARTINS, 2005, p.140).

Período pré-operatório: neste período há mudanças no aspecto intelectual, afetivo e social, com o aparecimento da linguagem, o pensamento acelera Rodrigues (2004, p.120) “Sua percepção abstrata começa a ser aguçada à medida que aumenta sua capacidade de simular, imaginar situações, figuras e pessoas semelhantes”. (grifo nosso). No que tange ao aspecto social, a criança começa a desvincular-se da família, ingressando numa fase pré-escolar, entretanto Souza; Martins (2005) apontam neste período que é comum, crianças brincarem juntas, mas

ainda assim elas se encontram numa fase egocêntrica, não conseguindo ver o outro com sentimentos, mas cada uma delas está brincando sozinha. Isto decorre de seu egocentrismo, de sua dificuldade de considerar o outro como um indivíduo com sentimentos, por isso diz que há uma interação, mas sem afeição interativa com o outro.

Operações concretas: nesta fase a criança interage socialmente, lida com pontos de vista diferentes e consegue desenvolver habilidades no abstrato, e, declina-se seu egocentrismo intelectual. (grifo nosso). Rodrigues (2004) pontua que a lógica começa a desenvolver-se na criança, e, aos poucos a mesma vai sistematizando sua compreensão com o mundo, sendo assim, inicia-se seu pensamento abstrato, entretanto, muito depende do concreto para lidar com conceitos. Por sua vez, Souza; Martins completam que:

A criança terá um conhecimento real, correto e adequado, de objetos e situações da realidade externa (esquemas conceituais) e poderá trabalhar com eles, de modo lógico. Assim, a tendência lúdica do pensamento, típica da idade anterior, quando o real e o fantástico se misturavam nas explicações fornecidas pela criança, será substituída por uma atitude crítica. A criança não mais irá tolerar contradições no seu pensamento, ou entre o pensamento e a ação, como antes, mas, sim, irá sentir necessidade de explicar logicamente suas idéias e ações. (SOUZA; MARTINS, 2005, p. 144).

Operações formais: predomina a lógica formal, realiza operações sem necessitar representá-las, imagina situações nunca antes vivenciadas. (grifo nosso).

No aspecto afetivo, a fase da adolescência que por si só, tem muitas mudanças, o púbere necessita ser aceito pelo grupo justamente pela referência e identificação para com o mesmo. Por isso, determinados vocabulários, vestimentas e costumes determinam seu comportamento. Souza; Martins (2005) apontam quanto a fase sensível que refere-se a adolescência e ao período das operações formais:

Na adolescência [...] o sujeito será capaz de formar esquemas conceituais abstratos (conceituar termos com amor, fantasia, justiça, esquema democracia) e realizar, com eles, operações mentais que seguem os princípios da lógica formal, o que lhe dará, sem dúvida, uma riqueza imensa em termos de conteúdos e de flexibilidade de pensamentos. (SOUZA; MARTINS, 2005, p. 146).

Contudo, mesmo que Piaget preocupou-se no desenvolvimento lógico e formal da criança, de imediato não vinculou seus estudos sobre a questão da afetividade, indissociando a mesma da inteligência, pois, para o estudioso, são de

naturezas diferentes. Explica-se que durante o jogo simbólico, a criança (na idade de 2 a 6 anos) ela separa os brinquedos conforme irá realizar sua atividade, seja lúdica ou não, portanto, dissocia-se a idéia que a criança irá ter afeição já a predispondo, pois ela irá elaborar seu jogo conforme o que lhe convier a seu bel-prazer, por um outro lado, de acordo com Souza apud (ARANTES, 2003), “A psicanálise verá aí uma expressão dos sentimentos e aspectos que não são manifestados nas atividades racionais da criança.” Por isso, condiz em apontar que Piaget entende de afetividade de um outro aspecto enquanto que para a Psicanálise investiga o sentido dos conceitos construídos para com o indivíduo.

Piaget desenvolveu estudos sobre o desenvolvimento da moral, acreditando que esta acontece advindo do autoconhecimento do indivíduo, refletindo portanto, nas relações sociais, onde o autor aponta as que são da coerção social e a de **cooperação**, exemplificando, **coerção social** é a que impõe-se manipulando o outrem, enquanto a segunda visa a reciprocidade e o diálogo. Contudo, Piaget trata da importância da autonomia na formação do indivíduo para construir seu sistema moral. (grifo nosso).

Na medida em que um indivíduo pode escolher e decidir, ele tem a possibilidade de cooperar voluntariamente com os outros e construir seu próprio sistema moral de convicções. Por outro lado, à medida que, ele não se permite escolher e decidir, estará somente apto a seguir a vontade dos outros. (SOUZA; MARTINS, 2005, p. 149).

No entanto, ao lidar com uma criança, não é possível deixar - lá sem limites, portanto, a coerção do adulto é algo impossível de não acontecer, com isso Piaget apresenta os conceitos que visam tal cuidado, aponta-se as sanções de reciprocidade, onde o adulto necessita impor sua autoridade sem agir de forma punitiva. E, tem-se a sanção expiatória, ao contrário da anterior, a criança não sente necessidade de mudar voluntariamente seu comportamento, instigando alguma repressão e ou castigo.

Vygostky, por sua vez, condiz seus estudos sobre o contato da criança com o seu ambiente externo propiciando mais estímulos para seu desenvolvimento, conforme Rodrigues (2004, p.49) “As inquietações de Vygotsky sobre o desenvolvimento da aprendizagem e a construção do conhecimento perpassam pela produção da cultura, como resultado das relações humanas.” Da mesma forma, no que trata sobre as emoções e respectivamente o afeto, este psicólogo debruçou-se sobre uma nova perspectiva, acreditando que a psicologia histórico-cultural é o reflexo dos processos construídos pelo sujeito através dos aspectos físicos, mentais,

cognitivos e afetivos, principalmente a vida social afetiva em que é construída à medida que o ser humano interage socialmente.

[...] no que diz respeito ao desenvolvimento da afetividade, Vygostky considerava que a qualidade das emoções sofre transformações conforme o conhecimento conceitual e os processos cognitivos da criança se desenvolvem. Isto é, as ferramentas culturais internalizadas constituem instrumentos mediadores para a metamorfose do domínio afetivo ao longo do percurso da vida de cada membro da espécie humana, afastando-o de sua origem biológico e dotando-o de conteúdos históricos-culturais. É nesse sentido que se pode afirmar que a imersão dos sujeitos humanos em práticas e relações sociais define emoções mais complexas e mais submetidas a processos de auto-regulação, conduzidas pelo intelecto. (OLIVEIRA;REGO apud, ARANTES, 2003, p.27).

De acordo com seus estudos, Vigostky conceituou fases de desenvolvimento do indivíduo, em que ambas estão relacionadas diretamente com a mediação interacionista até ao momento em que o indivíduo consegue ir se organizando e aprendendo os conceitos. Seguem, na sequência, as designadas zonas de desenvolvimento potencial, real e proximal.

Zona de desenvolvimento potencial ou mediador: quando a criança não domina um novo conhecimento, espera-se que ela possa fazer atividades sobre, mas a princípio ela necessita de alguém que a oriente para a realização das tarefas, Souza; Martins (2008) explicam que uma criança por volta de seus cinco anos não consegue montar um quebra cabeça sozinha, mas com ajuda de seu irmão mais velho ela adquire experiência sobre a atividade, podendo fazê-la futuramente sem mediação.

Zona de desenvolvimento real: são as atividades que a criança consegue realizar sozinha desde que já tenha tido um contato prévio com os conhecimentos respectivos, neste aspecto a mesma já teve a experiência e deste modo, não precisa da ajuda de alguém, Souza; Martins (2005, p.115) pontuam que no momento em que houve o aprendizado “Esses processos internalizam-se e passam a fazer parte das aquisições do seu desenvolvimento individual”.

Zona de desenvolvimento proximal: é conhecida entre ao que a criança pode vir realizar sozinha e faz com a ajuda de alguém, Bock et all (2008) explicam que de acordo com Vygostky, as relações sociais neste aspecto contribuem na constituição das funções psicológicas, pois o plano interno é advindo do que se obteve nas experiências feitas entre as pessoas.

No que se refere ao desenvolvimento proximal, este é um conceito de grande importância, principalmente no que tange ao plano educacional, pois é possível compreender o desenvolvimento individual, Souza; Martins (2005, p.116) completam que através do mesmo é possível “[...] verificar não somente os ciclos já completados, como também, os que estão em via de formação, o que permite delineamento da competência da criança e de suas futuras conquistas [...]”. Para Vygostky, a cognição e aprendizagem são propiciadas partindo da interação social, como também os costumes e a questão cultural da sociedade no reflexo do comportamento do indivíduo, Rodrigues (2004) aponta:

As inquietações de Vygostky sobre o desenvolvimento da aprendizagem e a construção do conhecimento perpassavam pela produção da cultura, como resultado das relações humanas. Por conta disso, ele procurou entender o desenvolvimento intelectual a partir das relações histórico-sociais, ou seja, buscou demonstrar que o conhecimento é socialmente construído pelas e nas relações humanas. (RODRIGUES, 2004, p.49).

Souza; Rodrigues (2005) ressaltam os aspectos que envolvem a concepção Vygostkyana, é notório constatar que através da mediação feita entre o grupo, o indivíduo aprende com a interação do outro, justamente pelas formas psicológicas mais sofisticadas (processo cognitivo) desenvolve-se muito mais por tais ações, assim sendo, observa-se que através da interação social, o indivíduo que por ora está imaturo, vai aprendendo, obtendo novas concepções e, com o que se apropria será internalizado, dando-se um momento em que não precisará da intermediação de outros para tal processo, estando apto a novas aprendizagens. Souza; Martins (2005, p.102) condizem da mesma forma em apontar que essa intermediação constitui o ápice para a formação da pessoa: “Por intermédio dessas mediações, os membros imaturos da espécie humana, pouco a pouco, apropriando-se dos modos de funcionamento psicológico do comportamento e da cultura, enfim, do patrimônio da história da humanidade e de seu grupo cultural [...]”. Wallon, por sua vez, desenvolveu pesquisas sobre a emoção, direcionando-se para área afetiva baseado no darwinismo. Filósofo e médico, Wallon buscou estudar o ser como um todo em sua psicogênese. Rodrigues (2004, p.69) apresenta que “[...] o estudo da pessoa completa integrada ao meio em que está imersa, com os seus aspectos afetivos, cognitivo e motores, também integrados”. Galvão pontua da seguinte forma:

A teoria de Henri Wallon (1879-1962) tem por objeto a gênese dos processos químicos que constituem a pessoa. Baseia-se numa visão não fragmentada do desenvolvimento humano, buscando compreendê-lo do ponto de vista do ato motor, da afetividade e da inteligência, assim como do ponto de vista das relações que o

indivíduo estabelece com o meio. [...] Além da ênfase dada ao caráter expressivo das emoções, Wallon leva em conta também sua dimensão subjetiva, ligados aos estados afetivos vividos pelo sujeito que experimenta determinada emoção [...]. (GALVÃO apud ARANTES, 2003, p.74).

São apontados pelos estudos de Wallon, fases e ou períodos que constituem a personalidade do indivíduo, de acordo com Gratiot-Alfandéry (2010) suas pesquisas apontam que o ser humano é muito mais emocional, ou seja, a emotividade humana é o que impulsiona seu desenvolvimento, através desta estabelecerá sua relação com o mundo externo, inclusive as sociais, assim, o processo de desenvolvimento volta-se na construção da realidade externa vivenciada, onde através das dimensões: afetiva, cognitiva e motora, fará a constituição do ser em si.

O desamparo biológico que caracteriza os dois primeiros anos da vida humana, em razão das precárias condições de maturidade orgânica, determina um longo período de absoluta dependência da criança e dos cuidados de um adulto para poder sobreviver. Isso torna a emotividade à força que garante a mobilização do adulto para atender suas necessidades. Pensando assim, Wallon afirma que a expressão emocional é fundamento social, pois precede e supera os recursos cognitivos. (DANTAS, 1992, apud WALLON, 2007 apud GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010 p.37).

Ferreira; Acioly-Régner (2010) por sua vez completam ressaltando que a teoria walloriana traz consigo um resgate frente a pessoa como um todo, onde o pesquisador condiz em apontar que além das emoções o corpo humano obtêm um papel importante para expressar o que sente, da mesma forma, pesquisas que seguem esta concepção auferem-se em apontar que o meio social contribui no desenvolvimento do organismo, onde este tem suas manifestações mais sociais.

Para Leite (2011, p.19) os estudos do mesmo centram-se na idéia “de quatro grandes núcleos funcionais determinantes desse processo: a afetividade, o conhecimento, o ato motor e a pessoa.” Da mesma forma, Rodrigues (2004) aponta que através dos estudos de Wallon, percebe-se que a emoção é o que expressa a afetividade, através do comportamento social e motor do organismo, um exemplo é o recém-nascido, que seus movimentos estabelecem a expressão e elo com o mundo externo para sua sobrevivência. Deste modo Wallon conceitua os estágios em que a afetividade infere no sujeito:

Estágio Impulso-emocional: nesta etapa ao que se refere ao primeiro ano de vida, a criança busca chamar atenção do adulto para que suas necessidades sejam atendidas, conseqüentemente a afetividade é o que predomina, orientando as

reações do bebê com seu cuidador e o ambiente. Gratiot-Alfandéry (2010, p.35) apontam que é através da afetividade que o bebê expressa e garante sua sobrevivência, quanto aos movimentos “[...] são caóticos mas, as relações que estabelecem, gradualmente permitem que a criança passe da desordem gestual às emoções diferenciadas”, por isso Wallon em sua concepção acredita que o motor está envolvido com a expressão das emoções.

Estágio sensório-motor e projetivo: até aos três anos de idade, começa a perceber os diferentes papéis no seu universo familiar, constrói sua consciência e inicia-se sua autonomia, sendo assim a motricidade projeta a construção da inteligência da criança, favorecendo a aquisição da linguagem, Gratiot-Alfandéry (2010, p.35) colocam que “Neste período, destacam-se os aspectos discursivos que, por meio da imitação favorece a aquisição da linguagem”.

Personalismo: dos sete aos doze anos, neste período, partindo das interações sociais, a criança constrói sua consciência e autonomia.

[...] nesse estágio há predomínio da afetividade. Estendendo-se até aos seis anos de idade, nesse período, forma-se a personalidade e autoconsciência do indivíduo, muitas vezes refletindo-se em oposições da criança em relação ao adulto e, ao mesmo tempo, com imitações motoras e de posturas sociais. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.35).

Estágio categorial: neste estágio, conforme estudos, dos sete aos doze anos, a criança consegue relacionar-se em vários grupos, passa a ter interesses e progressos intelectuais.

[...] predominando a inteligência e a exterioridade, no estágio categorial, que se estende por volta dos onze anos de idade, a criança passa a pensar conceitualmente, avançando para o pensamento abstrato e raciocínio simbólico, favorecendo funções como a memória voluntária, a atenção e o raciocínio associativo. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.35).

Estágio da adolescência: este período, além de uma etapa muito importante na vida do jovem, é alvo de transformações devido ao que ocorre em seu organismo, e, ao que afeta sua personalidade (já que é uma construção constante) há uma preponderância afetiva, justamente por esta nova fase.

As transformações físicas e psicológicas da adolescência acentuam o caráter afetivo desse estágio. Conflitos internos e externos fazem o indivíduo voltar-se a si mesmo, para auto afirmar-se e poder lidar com as transformações da sexualidade. (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.36).

Segue abaixo uma tabela em que apresenta os níveis de desenvolvimento psicossocial da criança, observe que através dos mesmos, o infante estará, aos poucos, identificando-se e estabelecendo sua relação com o ambiente, é notório constatar que o que se expõe na tabela, vai de encontro às teorias apresentadas anteriormente. Observe:

TABELA 1 – Nível de desenvolvimento psicossocial

Tabela 8. Nível de desenvolvimento psicossocial	
Idade (meses)	Características
0 – 3	Bebês são receptivos á estimulação. Começam a demonstrar interesse e curiosidade e sorriem prontamente.
3-6	Bebês são capazes de prever o que vai acontecer e sentir desapontamento quando isso não acontece; demonstram isso ao ficarem zangados ou cautelosos; sorriem, resmungam e riem com frequência; época de despertar social e das primeiras trocas recíprocas entre bebê e cuidador.
7-9	Bebês fazem jogos sociais e tentam obter respostas das pessoas; falam, tocam e tentam fazer outros bebês responderem; exprimem emoções mais diferenciadas, demonstrando alegria, medo, raiva e surpresa.
9-12	Bebês preocupam-se muito com o principal cuidador, podendo ficar com medo de estranhos e agir de modo reservado em novas situações; com um ano demonstram emoções mais claras, como ambivalência e gradações de sentimentos.
12-18	Andam exploram o ambiente, usando as pessoas às quais tem maior apego como base segura; à medida que dominam o ambiente, tornam-se mais confiantes e mais ansiosos por afirmação.
18-36	Crianças, às vezes, ficam ansiosas porque percebem o quanto estão se separando do seu cuidador; elaboram sua consciência de suas limitações por imaginação, brincadeiras e identificação com adultos.

FONTE: BEE (2003) apud GALLO; ALENCAR (2012 p. 14

2.1.1 Afetividade e aspectos inerentes

Afetividade é um tema recente sendo desenvolvido e discutido após importantes mudanças e contribuições no processo histórico e cultural da humanidade, um exemplo, é o reconhecimento do ser criança, onde há pouco mais

de um século ela passou a ser vista como um ser desprotegido em que necessita de cuidados, atenção e principalmente o afeto. É notório perceber, conforme explicações que desde a concepção de vida, os sentimentos e emoções fazem parte da constituição biopsíquica do sujeito, observando-se que houve um grande passo e um novo olhar sendo direcionada a esta temática frente ao desenvolvimento do ser humano, à vista disso, Zanella, citado por Ferreira (2003), evidencia que sensações, sentimentos são fenômenos que fazem parte da evolução humana vinculados ao próprio organismo: um refletindo sobre o outro.

Ao nascer, o ser humano traz afetos básicos, tais como o amor, o ódio e o medo; estes são o ponto de partida para as demais vivências psicoemocionais como a solidariedade, amizade, ciúme, orgulho, raiva e todos os demais sentimentos e emoções que vão constituir o repertório de respostas do ser, em sua trajetória de vida. (ZANELLA apud FERREIRA, 2003, p.35).

Ao tratar da afetividade em sala de aula, torna-se importante num primeiro momento debruçar-se sobre o que seja o afeto, afinal desde a concepção intra-uterina o ser humano constitui do mesmo para seu desenvolvimento psicoafetivo. De acordo com as teorias interacionistas, Bock et all (2008) respaldam em explicar que a família compactua grande importância ao desenvolvimento do indivíduo, e num primeiro momento os vínculos são de extremo impacto para a constituição psíquica do ser, desse modo, a primeira relação que o bebê terá com seu ambiente e inclusive com seu cuidador é o que irá prescindir sua sobrevivência, nisto a dependência é absoluta, psicologicamente retrata-se que o infante vê seu cuidador como uma extensão de si mesmo, sendo a mãe ou responsável e no decorrer a família será um reflexo dessa integração dando a construção do indivíduo.

Conforme Bock et all (2008) exemplificam que :

A criança, desde sua vida intra-uterina, se desenvolve a partir do vínculo que mantém com a mãe e depois com os cuidadores próximos. Inicialmente os vínculos são dependência absoluta, e a criança não se distingue do mundo, ou melhor, o eu do não eu. Nessa fase, a família cumpre um papel de espelho para a criança e é assim que lhe ajuda a integrar-se no mundo. É como se a criança enxergasse a si mesma quando olha para a mãe. Ali vê refletida a história geracional de sua família, que será influência importante para a constituição do indivíduo. (BOCK; ET ALL, 2008, p.170).

Portanto, desde o primeiro contato que a criança obtém desenvolvendo sua relação com o mundo externo é o que também influenciará no seu crescimento e refletirá na cognição e aprendizagem.

Segundo Spitz (1998), o primeiro ano de vida é dedicado à sobrevivência física da criança, tendo em vista o fato dos seres humanos serem os únicos animais que tem o período de necessário à sobrevivência. Neste período de dependência, o que lhe falta será suprido pela mãe ou figura cuidadora, cabendo a essas servirem de mediadoras das necessidades do bebê estabelecendo uma relação complementar. (GALLO; ALENCAR, 2012, p. 128).

Conforme as teorias de aprendizagem, Piaget debruçou-se sobre as fases de desenvolvimento da criança, onde cada etapa designava a inteligência conforme ocorria seu amadurecimento biológico, da mesma forma aos estudos condicionados por Vygostky, faz parte do ser humano relacionar-se, lidar com símbolos através da linguagem, propiciando assim a aprendizagem, Wallon por sua vez, direciona-se sobre a psicogênese do ser humano, mas principalmente referindo-se a teoria da emoção, onde o afeto é percebido com constituição de grande importância para o desenvolvimento psíquico e emocional do sujeito, inclusive para o processo de aprendizagem mediante seu objeto de estudo.

Um cuidador carinhoso é aquele que se importa com a criança, expressa afeição, responde às necessidades dela de modo sensível e empático. Já pais hostis são aqueles que rejeitam abertamente a criança e mostram que não a desejam (BEE, 2003 apud GALLO;ALENCAR, 2012, p.153).

Contudo, partindo do desenvolvimento psicoafetivo, isso enaltece os primeiros cuidados que o bebê recebe, para que os vínculos sejam desenvolvidos, uma criança cuidada e amada terá um desenvolvimento mais saudável e feliz justamente para que ela identifique-se e possa relacionar-se com o contexto vivenciado. Para Zanella apud Ferreira (2003, p.37) conceitua que “[...] a expressão afetivo-emocional, os traços da personalidade, bem como qualquer tendência do ser humano, são produtos da contínua interação entre hereditariedade e a influência do meio”.

Como a educação é complexa e está intrinsecamente relacionada aos reflexos sociais e políticos (gestões governamentais, estruturas, recursos humanos e o dinamismo que lhe está sendo exigindo constantemente), a escola pública hoje é visada de modo que seja democrática e aberta a comunidade, principalmente aos pais dos alunos, numa participação efetiva e condizente, indo de encontro a proposta curricular e principalmente ao projeto político pedagógico.

Porém questiona-se, qual o papel da escola no que se trata da afetividade de seus alunos? Como os pais estão relacionados a tal temática? Conforme autores apontam:

[...] os pais influenciam o desenvolvimento de seus filhos de duas maneiras complementares: ao moldarem as habilidades cognitivas e as personalidades por meio das tarefas que lhes são propostas, a reação frente aos comportamentos que eles apresentam; pelos valores que praticam seja explícita ou implicitamente [...] é o núcleo familiar que determina o ecossistema que a criança terá acesso. (COLE; COLE, 2003 apud GALLO; ALENCAR, 2012, p.152).

Pesquisas constatarem que, durante o período gestacional o bebê sente emoções, isso é possível constatar quando o mesmo faz algum movimento em resposta a algo que aconteça com sua mãe, se esta vier a sofrer algum indício de estresse, ambos possuem cada um o cérebro e sistema nervoso autônomo, porém o vínculo afetivo e emocional entre a mãe e bebê cria-se um meio de comunicação imprescindível como proteção ao infante.

O mais importante é verificarmos como está a relação da mãe com seu bebê, a frequência, a intensidade e qualidade de impactos causados por perturbações de estresse, poderão ser minimizados com o escudo afetivo da relação materno-filial. É importante também considerar o relacionamento do casal e os conflitos decorrentes durante a gravidez. A gravidez é um momento para ser vivido a três: pai, mãe e bebê. (ALMEIDA, 2002 apud GALLO; ALENCAR, 2012, p.49-50).

Devido aos aspectos sociais e culturais, a sociedade está numa fase transitória, e, conseqüentemente, reflete-se nas gerações de crianças, jovens e adultos: não há como tratar da educação sem considerar aspectos temáticos que afetam a rotina escolar, sem desconsiderar questões ligadas à violência, estrutura familiar, condições da própria escola, inclusão, desigualdade social, drogas, entre outros. Filhos tornam-se um reflexo do que vivem em suas casas, portanto tratar de afetividade envolve o comportamento que o sujeito precede mediante a sua postura diante de alguma situação. Percebe-se na realidade das instituições de ensino, seja nas públicas ou privadas a constituição familiar tem sido feita de forma mono parental, ou ainda, a criança ou adolescente seja cuidado por algum parente, vizinho (a) ou babá.

[...] a estrutura familiar compõe-se de um conjunto de indivíduos com condições e em posições, socialmente reconhecidas, e com uma interação regular e recorrente, também ela, socialmente aprovada. A família pode então, assumir uma estrutura conjugal, que consiste num homem, numa mulher e nos seus filhos, biológicos ou adotados, habitando num ambiente familiar comum. Existem também às famílias com estruturas mono parental (pais únicos), como uma variação da estrutura nuclear devido a fenômenos sociais. A família ampliada ou extensa inclui os avós, e tios. (GALLO;ALENCAR, 2012, p.152).

Nesta perspectiva, a dinâmica familiar não é linear, no que tange as relações pais e filhos, constata-se, conforme Ferreira, Et all (2003, p. 55) que filhos agressivos, negligentes ou hostis advêm de pais assim, em contra partida, relações harmoniosas de cuidado e afeto condizem aos padrões e a internalizam sobre as crianças e ou adolescentes. Ferreira (2003, p.56) “Relações pais-filhos baseadas na justiça e na firmeza tendem a formar filhos que conhecem seus filhos e respeite o outro, são democráticos e cooperativos, porque foram aceitos e, portanto, sabem aceitar.” O autor conceitua a personalidade dos pais da seguinte forma:

Pais ansiosos: estes são controladores, devido ás inseguranças que sentem, tornam-se confusos e não conseguem se orientar.

Pais histéricos: provocam reações e dramatizam, causando sensação de culpa ou medo no jovem.

Pais obsessivos: são castradores impondo responsabilidades não cabíveis aos seus filhos e dessa forma os mesmos não vivem conforme o que seria adequado no seu momento de ser.

Pais narcisistas: são os que competem com seus filhos, seja na atividade intelectual, esporte, entre outros deteriorando a relação de pais e filhos.

Existem estilos parentais que podem ser um risco a vida da criança ou do púbere, de acordo com Gomide (2004) citado por Gallo; Alencar (2012) as práticas negativas para a criança, são as negligentes, abusivas, monitoria negativa e a disciplina relapsa, ambas constituem o descuido, ausência de amor e afeto, a agressão física quanto moral, falta de regras e limites assim como o não diálogo, conforme autores, (2012, p. 154), exemplificam que quando há agressões de pais para filhos, estarão condicionando seus filhos a serem agressivos, “quando os pais excessivamente batem em seus filhos, eles estão destruindo o senso de autonomia da criança, criando crianças agressivas e dependentes

Conforme teoria do sistema ecológico feita por Bronfenbrenner, citado por Gallo; Alencar (2012), no que tange o desenvolvimento infantil, o estudioso conceituou cinco níveis que influenciam o crescimento da mesma, por isso a importância de mais uma vez observar que o ambiente em que a criança vive influencia seu comportamento, e, conforme o que Bronfenbrener analisa:

Mesosistema: limita-se a dois ou mais ambientes onde o sujeito está inserido ativamente. (grifo nosso)

Aninha tem cabelos castanhos e olhos verdes; tem 1,30 m de altura e peso condizente com sua altura; não apresenta doenças e condições físicas cognitivas permanentes, ou seja, Aninha é uma criança saudável. Aninha é filha de Paulo e Maria; os pais trabalham fora, sendo que Aninha, quando não está na escola, fica aos cuidados de sua avó materna, dona Helena. (GALLO; ALENCAR, 2012, p.29).

Exossistema: da mesma forma este se constitui de um ou mais ambientes, no entanto, o sujeito não interage diretamente, porém o que afetar este ambiente o influenciará. (grifo nosso). Seguindo o exemplo citado anteriormente, veja:

Os pais de Aninha trabalham em locais diferentes. Cada um tem sua rotina de trabalho, seus horários e compromissos. O local de trabalho dos pais de Aninha não interfere diretamente no desenvolvimento da menina, mas indiretamente implica em algumas coisas como, por exemplo, o tempo que os pais gastam de casa até o local de trabalho implica em menos tempo em casa com Aninha, pois precisam sair muito cedo de casa e chegam muito tarde [...]. (GALLO; ALENCAR, 2012, p.30).

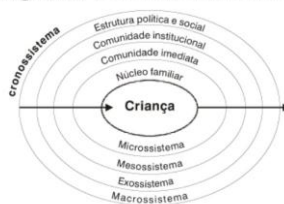
Macrossistema: são os valores e crenças que constitui os costumes, hábitos, obstáculos e opções na trajetória da vida. Gallo; Alencar (2012, p.30) continuam a exemplificar que “Aninha vive em um determinado país, que tem sua cultura geral, essa cultura interfere indiretamente no desenvolvimento da menina, ao estabelecer práticas que são culturalmente aceitas. A cultura seria um macrossistema.” (grifo nosso).

Cronossistema: um pouco mais abrangente que o conceito anterior, este infere nos grandes contextos, mudanças e transformações que atingiram a sociedade e o ambiente como um todo. Gallo; Alencar (2012, p.30) aponta que “[...] a cultura sofre transformações ao longo do tempo, a educação, a saúde, as escolas, tudo isso se modifica com o passar dos anos. Essa mudança provocada pelo desenvolvimento histórico, [...] seria o cronossistema”. (grifo nosso).

A criança desde a sua vida intra uterina, se desenvolver a partir do vínculo que mantém com a mãe e depois com os cuidadores próximos. Inicialmente os vínculos são de dependência absoluta, e a criança não se distingue do mundo, ou melhor, o eu do não eu. Nessa fase, a família cumpre um papel de espelho para a criança e é assim que lhe ajuda a integrar-se no mundo. É como se a criança enxergasse a si mesma quando olha para a mãe. Ali vê refletida a história geracional de sua família, que será influencia importante para a constituição do indivíduo. (BOCK, ET ALL, 2012, p. 170).

Observe o diagrama a seguir:

Diagrama de Bronfenbrenner



Fonte: ALMEIDA disponível em: < <http://pt.slideshare.net/Thiagodealmeida/modelo-bioecologico-do-desenvolvimento-de-bronfenbrenner-7898817>>.

2.2 O PROFESSOR MEDIANTE SUA PRÁXIS E A AFETIVIDADE DO ESCOLAR

As teorias construtivistas, baseadas na interação social, estão vinculadas aos estudos da psicologia do desenvolvimento humano que buscam debruçar-se sobre o processo cognitivo trazendo conceitos que enaltecem o contexto educacional, com isso, no Brasil, por volta do século XX com a tendência da Pedagogia Nova, houve a influência de tais teorias, visando a psicogênese do ser humano, não vendo-o de forma limitada.

Esta temática, portanto, é recente, sendo discutida há pouco mais de alguns anos, houve alguns percussores que tratam do desenvolvimento infantil, mas nunca se deu tanta importância às relações e vínculos sociais, como agora, justamente por tantos problemas relacionados à indisciplina, desvios de condutas, inclusão, agressividade e violência na escola, são muitas situações que desafiam a prática do professor. Em um trabalho desenvolvido por Ferreira; Acioly-Regnier (2010) apontam a situação emblemática que a falta do afeto desencadeia na vida do indivíduo, e, ressaltam principalmente a escola na sua função social e humanizadora está comprometida em trabalhar nesta temática, conforme autores (2010, p. 24) “[...] o afeto influencia as relações e os processos de aprendizagem, requerendo visões inclusivas e capazes de resgatar a dimensão do cuidado necessário ao processo educativo.

Um dos desafios da educação no século XXI diz respeito à questão da multietnicidade, da convivência plural e democrática e da unidade na diversidade. Desafio que extrapola a educação em sentido estrito, envolvendo a sociedade e na divisão e requerendo reflexões mais

amplas no que diz respeito às metas e formação humana. Hoje, as relações de sociabilidade são de desconfiança, violência e agressão e os cidadãos emergem como “inimigos potenciais” que disputam conosco um lugar no Mercado de Trabalho e na divisão de bens e serviços. Ao lado de tantos desafios que a educação deve se defrontar – o analfabetismo, a evasão escolar, a educação de jovens e adultos etc. - a questão da relação entre cognição e afetividade, ao lado da violência, sem dúvida constitui um ponto focal da agenda educativa do século XXI. (FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010, p.22).

Outro item a ser considerado, não apenas a conduta dos alunos, mas também a práxis docente, pois desde o início da vida escolar da criança e na adolescência, são momentos que marcam a construção psíquica do indivíduo, além das que o mesmo vivenciou nos primeiros anos de vida em seu núcleo familiar.

Como a didática é uma importante ferramenta para o trabalho docente e através dela, o profissional pode localizar-se em sala de aula quanto aos conteúdos serem trabalhados, plano de aula, materiais e formas de atuação, o modo como o professor visará seus objetivos são alvos do processo didático, portanto, quando o professor atende seus alunos, os vínculos são constituídos na medida que existe a reciprocidade entre o grupo, daí a tratar da questão da afetividade é um laço estreito que irá influenciar no aspecto social e cognitivo do sujeito.

Não existe uma educação de verdade que não inicie pelo vínculo afetivo, que nós educadores nos comprometemos com o trabalho, com o grupo, com os alunos. Isto nos impulsiona para buscarmos maior aperfeiçoamento, novos caminhos frente a situações difíceis, pois assumimos a nossa real responsabilidade no desenvolvimento integral das crianças e jovens que nos forem confiados. (SOUZA; MARTINS, 2008, p. 200).

Torna-se muito complexo e dinâmico discutir o papel que o afeto desencadeia na vida de uma pessoa, é notório observar, conforme teorias apontadas em capítulos anteriores que desde a concepção intrauterina, a personalidade do ser humano, é constituída de vínculos, e, conforme o bebê é tratado no ambiente em que está inserido, irá influenciar de forma positiva ou negativa em seu crescimento.

O mesmo pode-se dizer com relação a todo o processo de ensino e aprendizagem numa prática pedagógica: o professor tendo uma atitude negativa irá desmotivar o aluno e, se já não houver uma relação saudável e empática com o adolescente ou adulto e saber lidar com as crianças, poderá afetar o seu desempenho escolar.

A força do professor empenhando no bom desenvolvimento dos alunos está centrada no trabalho pedagógico, que ele realiza, e na relação afetiva que estabelece com os alunos. É por meio dessa

relação, que os pequenos se envolvem prazerosamente com as atividades, e que os maiores admitem que os guiamos pro caminhos desconhecidos, os conteúdos, os novos conhecimentos. (SOUZA; MARTINS, 2005, p.200).

Em uma de suas produções textuais apresentada por Pereira (2004), há um exemplo bastante pertinente, apresentado pelo escritor a fins da compreensão de que modo o professor pode, conforme sua atuação, influenciar seu alunado, leia o texto inserido abaixo:

Continuando a história...

O Encontro Com Malévola

Marcellus ficou agitado durante toda noite, mal conseguiu dormir. Sonhava com seus deveres de casa. Se teria esquecido alguma coisa. Números em forma de notas vermelhas povoavam sua cabeça, girando como vozes de fantasmas a enlouquecer seus sonhos.

Durante toda manhã ele ficou assim, preocupado com o encontro da tarde, sabia que não seria fácil, mas tinha de cumprir com todas as suas obrigações e não se esquecer de nenhuma. Chegou mais cedo à clareira. Tremia como uma vara verde.

Malévola chegou no horário, como sempre, nem mais, nem menos. Usava roupas escuras, quase nunca sorria, não perguntava nada sobre o aluno, mas questionava sobre o tema, sempre com uma voz alta, imperativa e autoritária. Não andava, marchava. Usava um chicote com o qual batia na altura de sua bota quando queria chamar a atenção de alguém. Cumprimentou Marcellus e já começou a escrever. Marcellus se pôs a copiar, sem lançar uma palavra.

Como num ritual, a professora circulava pela clareira com o livro de capa preta aberto entre as mãos. Fazia anotações e olhava para Marcellus. Ele não sabia para que tais anotações, mas pensava que para boa coisa não seria. O menino tremia e, mais rápido, acabava escrevendo.

Era um silêncio total, não se escutava nem o barulho dos bichos da floresta, parece que todos sabiam que Malévola estava ali. Quando um ou outro som inventava de acontecer, ela ficava furiosa e já gritava, xingando o nome do barulho:

- Calem suas malditas bocas. Aqui quem manda sou eu!!!

Certa vez, pediu explicações sobre o trabalho que deveria fazer. A professora ficou vermelha e respondeu:

- Eu já expliquei isso, querido. Se você não estivesse brincando, enquanto eu falava, eu não precisaria repetir! Mas vou explicar de novo. Preste atenção!

Marcellus ficou sem entender, mas não ousou em perguntar novamente. Não queria ver a professora irritada, muito menos ser chamado de "querido". Alguma coisa nessa palavra incomodava seus dois corações. O coração que amava estava completamente fechado para Malévola, e o coração que odiava inflava em seu peito.


Antes de sair, Malévola sempre dava o mesmo discurso:

- Faça as atividades bem direitinho conforme eu ordenei. Você está aqui para aprender, e eu para ensinar. Está bem? Comporte-se porque senão você já sabe, não é? E eu não quero ter que falar com seu pai! Então, queridinho, até nosso próximo encontro.

Malévola ensaiava um sorriso estranho de felicidade ao pronunciar a palavra pai. Saía marchando e batendo com o chicote em sua bota. Não olhava para trás.

Marcellus ia para casa com a mochila cheia, seu coração de amar ficava apertadinho no peito; tratava logo de fazer as coisas, mesmo sem entendê-las. Não correria o risco de ser anotado no livro de capa escura.

O Jabuti, cansado de esperar, puxava Marcellus pela camisa, convidando-o para brincar.



Fonte: PEREIRA, 2005, p.40

Pereira (2004) doutor em educação e especialista em orientação educacional, ao longo de seus estudos e pesquisas, fez uma analogia com entrevistas realizadas, e, a personagem Malévola, refere-se às professoras ou professores que agem de forma coerciva, autoritária, e, desse modo, os alunos acabam tendo medo até de esclarecerem alguma dúvida.

Continuando a lista de relatos, encontrei também que seu humor varia conforme a turma a que atendeu anteriormente; muitas vezes já

chega irritada e berrando; não permite a menor conversa e argumenta: “conversa é tempo perdido”. Em minhas observações, verifiquei que a professora nunca levava a turma para fora da sala, e neste ambiente, geralmente, os alunos estavam sentados em colunas, um atrás do outro. [...] Conversando com os alunos, apreendi o quanto eles tem medo de perguntar, já que a professora não ajuda nas dificuldades e, além disso, quando raramente dá algum trabalho em grupo fica corrigindo provas em sua mesa. (PEREIRA, 2004, p. 44).

Galvão citado por Arantes (2003) em sua narração apresenta a necessidade da coesão do grupo, assim, partindo-se do que propõe Wallon em seus estudos, quando há a afetividade desenvolvida no ambiente escolar, não o carinho direcionado a alunos específicos, mas uma postura positiva do professor frente ao contexto influenciará o trabalho, dando-se assim um dos elementos que predisponham para a reflexão da prática.

Apropriar-se do papel que tem as manifestações expressivas e emocionais na coesão do grupo pode inspirar interessantes recursos para o professor obter o envolvimento dos alunos em suas propostas e explicações. Assim, à preocupação com a clareza e coerência lógica de suas explicações e propostas, o professor pode aliar a atenção aos aspectos expressivos de seu comportamento. O entusiasmo pelo conhecimento que ensina pode se expresso em sua postura, na tonalidade e melodia de voz, ser mais facilmente transmitido, digo, contagiado, aos alunos. Não creio, contudo que esse entusiasmo possa ser simplesmente forjado por alguma técnica, prefiro crer que ele tem de ser genuíno e verdadeiro. (GALVÃO apud ARANTES, 2003, p. 85).

Um dos desafios inerentes ao trabalho pedagógico é lidar com a diversidade cultural, afinal são várias personalidades inferidas num único ambiente, torna-se importante que o professor tenha um olhar aguçado com sua clientela, para que consiga, quando possível atenuar as necessidades que vão surgindo com este aluno. Trabalhar o afeto em sala de aula pode ir acontecendo na medida em que além da postura que o professor obtém no seu dia –a –dia, a escola pode propiciar projetos pedagógicos instigando a interação social, o entrosamento grupal e atividades que venham de encontro na formação cidadã e crítica desse aluno. Nisso, cabe a comunidade escolar (pais, professores, profissionais que atuam) instigar para o estabelecimento destas relações sociais, mesmo com o enfretamento de dificuldades que existem na realidade que a escola está inserida.

Souza; Martins (2005) apresentam que ao tratar da relação afetiva x aluno em sala de aula, num primeiro momento torna-se importante considerar as diferenças de cada um, pois cada qual tem suas particularidades, habilidades e dificuldades. Outro detalhe de se considerar é o erro dos alunos, pois partindo destes os mesmos irão aprender, manter o diálogo e questionamentos são também situações ricas de

aprendizado, olhar o aluno de modo integral e valorizar a bagagem que este traz consigo são fontes importantes para delinear a atuação pedagógica.

Quando nos preocupamos com o desenvolvimento integral dos nossos alunos (pedagógico + integral) estamos cultivando e aprimorando um trabalho atento, amoroso, sendo que é exatamente com este trabalho que podemos transformar nossa tarefa de ensinar no grande desafio do desenvolvimento. (SOUZA; MARTINS, 2005, p.202).

Assim, ao lidar com a formação humana, torna-se importante que a formação continuada para com os professores seja constante, para se trabalhar o eu como pessoa e o grupo como um todo, questões relacionadas á didática, conteúdos e aos desafios contemporâneos precisam ser discutidos e articulados junto á proposta de atuação do projeto político pedagógico. Questões relacionadas ao comportamento inadequado de um determinado aluno, falta de produtividade de outro ou como abordar a afetividade sem tratar dos distúrbios de aprendizagem, de conduta ou emocionais, e qual é a responsabilidade da família referente a temática e até onde a família assim com a escola podem contribuir na formação do sujeito, estas são perguntas freqüentes intrínsecas na vida de um professor, diante de situações corriqueiras em sala de aula ou até na própria escola.

Nisso, verifica-se que mesmo tendo-se a necessidade de preparar cidadãos para o mercado de trabalho justamente pelos anseios do sistema político atual, tratar da abordagem afetiva está tornando-se uma temática recente, instigando a várias pesquisas, por isso mesmo, tanto a escola como os professores precisam lidar sobre o assunto buscando respostas frente aos seus anseios e angustias que a profissão exerce. Pois, como relatado anteriormente, a criança é um reflexo do que vivencia, e, conforme o que ela traz consigo, será sua conduta de vida, há muitos casos de que o professor é visto como um herói pelos pequenos, e, em outras situações ele é debochado pelo adolescente em vias de agressão, pois é tudo o que esse jovem tem consigo, a agressividade, por isso intervenções pedagógicas podem ser desenvolvidas conforme o nível de informação e o conhecimento que o professor possui mediante tais situações.

Contudo, lecionar é uma arte, e por mais dialética que seja, lidar com os problemas sociais são um dos vácuos que inferem na vida escolar, pois muitos jovens e crianças matriculam-se, mas no decorrer do ano letivo por questões maiores evadem da escola, e, além de toda a questão da estrutura predial, a questão humanitária precisa ser vista e também trabalhada no contexto escolar.

Pereira (2004) apresenta um exemplo de uma atitude negativa do docente frente a um aluno, observe:

Recordo que um dia, preparando-se para ir à escola, senti um cheiro gostoso que vinha da cozinha. Era minha mãe, preparando um hambúrguer para eu levar como lanche. Jamais esquecerei a água na boca que provocou aquele cheiro, pois eram raros os dias em que havia lanche para levar. O primeiro período da aula era matemática. Como sempre me sentei à primeira carteira e ensaiei meu movimento de estátua, inerte, para prestar atenção à aula. Mas meus sentidos estavam todos direcionados para o hambúrguer, escondidos entres meus materiais. Fui disfarçando e tirando pequenos pedaços do pão, comendo algo tão bom como se estivesse cometendo um crime. Porém minha tentativa foi em vão, a professora gritou em alto e estridente som, ordenando que eu depositasse meu lanche na lata de lixo. Este ato me acompanha até hoje, como se fosse um filme registrado na memória. Jamais perdoei a professora de matemática e, até hoje, não me relaciono bem com os números. (PEREIRA, 2004, p. 16).

Nota-se que esta atitude da professora afetou este aluno, nisso, tal postura pode influenciar negativamente na sua formação, além de prejudicar o seu desenvolvimento na aprendizagem, pois nesta situação onde a professora poderia abordar de uma forma afetiva, ou mais tranqüila, tornou-se para o aluno um trauma onde a cognição ficou inibida através da emoção negativa de um fato.

As frustrações são sempre lembradas por quem as sofre, principalmente, as que estão associadas com o constrangimento. Quando a frustração é as vistas de uma coletividade, nesse caso numa sala de aula torna-se traumatizante, levando o indivíduo a bloqueios emocionais crônicos. E depois, trabalhar esse bloqueio no campo cognitivo torna-se tarefa árdua para a vinda dos futuros docentes que receberão este aluno, desconhecendo os motivos de traumas oriundos dessa situação e tendo que trabalhar com crianças e adolescentes desmotivados, indisciplinados ou com bloqueio emocional que age de forma aguda no desenvolvimento de situações cognitivas.

Assim como ela, outros professores vieram, mas lembro-me com carinho daqueles, meus heróis, que me acolheram, sem dar colo ou passar a mão na cabeça, mas me tratando de forma afetiva e respeitosa, eternizados em minha Memória, com suas vozes ecoando em tudo que faço. (PEREIRA, 2004, p. 16).

Sendo assim, o professor mesmo preocupando-se com seu trabalho, a avaliação, planejamento pedagógico das aulas, tendo poucas condições e estrutura com salário pouco atrativo, escolas em muitos casos deterioradas por vândalos ou

pelo descaso governamental, comunidades com vulnerabilidade social, além das desigualdades sócio-econômicas (que influenciam negativamente no seio de uma escola, mais precisamente na sala de aula), além dos alunos em sua maioria desmotivados, com dificuldades de aprendizagem, repetentes, evadidos e com famílias desajustadas e ou desestruturada, mesmo atuando nesta realidade, que além de estressante pode levar o profissional em sala ao seu limite humano, mas sabedores do sistema político brasileiro, educar, capacitar os alunos ainda através do giz e do quadro, que usa-se da criatividade para melhorar o ambiente de trabalho, os professores detém a capacidade em lidar com a diferença social e a escola como um todo, lutar em prol de uma sociedade mais igualitária.

Como instituição de ensino atuante e que sofre vários reflexos conforme o contexto vivenciado pela sociedade a escola é onde o sujeito vivencia boa parte de sua vida, aprende os conhecimentos sistematizados e acumulados pela humanidade, a mesma deve propiciar um acolhimento para sua clientela e assim possibilitar a inclusão e respeitar as diferenças de cada um, dessa forma a concepção da escola democrática em vias de estar aberta a comunidade, interagindo com a realidade local, mais atuante através de intervenções que propiciem as habilidades do educando,ressalta-se a importância de um trabalho em conjunto: professores, equipe pedagógica, gestão escolar e comunidade local.

A afetividade, portanto, pode e deve ser trabalhada como uma reposta frente aos pequenos problemas de forma preventiva, elaborar projetos afetivos dentro das suas diversidades educacionais pedagógicas, trabalhando o coletivo e o individual (neste caso em vias de uma intervenção interdisciplinar), através das ações aplicadas pelos professores, podem e muito contribuir a uma formação saudável tanto física quanto mental para o aluno, já que o afeto em si é algo próprio do ser humano, portanto não há como desvincular as emoções, sentimentos e sensações pois fazem parte da vivencia social e histórica de ser.

Comenta-se da mesma forma, que por questões preventivas a escola pode atuar no se refere a formação humana, como os estudos sobre o afeto estão ganhando importância nestes últimos anos, tratar desta temática remete um discurso que seja voltado a interação coletiva e individual na vida do escolar e, quando necessário intervenções psicopedagógicas para o desenvolvimento das relações afetivas sociais, pois questões de agressividades ou apatia necessitam de um olhar aguçado e uma busca na anamnese do aluno, por isso um olhar direcionado em vias

de agir com uma equipe multidisciplinar, são itens que precisam ser discutidos e atuados na prática cotidiana de uma escola, bem como uma postura e atitude da equipe docente e pedagógica no que tange a orientação escolar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que os objetivos propostos foram alcançados, pois foi possível obter uma nova concepção sobre a importância da afetividade no ser humano, na sua formação e principalmente quanto ao que se trata o trabalho pedagógico realizado em sala de aula, portanto através de uma postura positiva e um ambiente tranquilo, onde se tenha a reciprocidade e empatia entre professor e aluno, há mais condições do mesmo aprender.

Observa-se que as teorias apresentadas no primeiro tópico de pesquisa, referente Piaget, Vygostky e Wallon, ambos visam tratam da formação do sujeito, e são similares em apontar que o ambiente e a relação do sujeito com o objeto inferem na aprendizagem do sujeito. Neste ínterim, foi apresentado os vínculos, os afetos e a importância dos mesmos para com o infante e o que não referir-se ao adolescente e ao adulto: o ser humano é social por natureza, e, por isso mesmo a questão afetiva está intrínseca no viver, sentir e emocionar-se constitui-se o desenvolvimento psíquico e através destes propiciam o cognitivo do mesmo. Conforme Wallon apontado em explicações anteriores, este trata da psicogênese, até o organismo é um meio de o sujeito expressar-se, portanto, não há como desvincular as emoções, sensações, afetos do processo de ensino aprendizagem, pois reflete na conduta do indivíduo.

E, da mesma forma o sistema ecológico conceituado por Bronfenbrenner trata que o contexto familiar, assim como os demais sistemas que a criança, jovem ou adolescente vive, influenciam sua vida e jeito de ser. Por isso, compreende-se que para um trabalho pedagógico, é importante que a equipe pedagógica, assim como os professores visem á formação continuada, enaltecendo as teorias e pesquisas que estão voltadas no desenvolvimento do ser humano, para assim juntos compreender as atitudes dos alunos, que advêm de seu ambiente familiar com problemas e, até mesmo, agem de forma agressiva com tudo e todos. Conhecendo a realidade social, torna-se possível fazer uma intervenção até preventiva, através de projetos que vinculem a socialização em grupo e até individual sendo possível contribuir na formação saudável do sujeito, atenuando os distúrbios emocionais que podem desencadear problemas futuros.

REFERENCIAS

ARANTES, Valeria A; AQUINO, Julio G. **Afetividade na escola: Teorias e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.

BOCK, Ana Mercês; Et al. **Psicologias: Uma introdução ao estudo de Psicologia**. 14ª ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

FERREIRA, Berta W; RIES, Bruno E R; Et al. **Psicologia e educação: desenvolvimento humano, adolescência e vida adulta**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FERREIRA, A.L; ACIOLY-RÉGNIER, N M. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Editora: UFPR, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.com.br>> Acesso em 13 de fevereiro de 2014.

GALLO, Alex E; ALENCAR, Juliana da S A. **Psicologia do desenvolvimento da criança**. Cesumar: Maringá, 2012.

GRATIOT ALFANDÉRY-, Héléne. **Henri Wallon**. Recife: Ed. Massangana, 2010.

LEITE, Sergio A da S; **Afetividade e práticas pedagógicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

PEREIRA, Gilson de A. **Limites e Afetividade**. Canoas: ed. ULBRA, 2004.

RODRIGUES, Almir S. **Teorias da aprendizagem**. Curitiba: IESDE, 2004.

SOUZA, Marcia H de; MARTINS, Maria A M. **Psicologia do Desenvolvimento**. Curitiba:IESDE, 2005.

TONOZI-REIS, Marília F de C. **Metodologia de Pesquisa**. Curitiba: IESDE, 2009.